

Comunicação, Política e Atores Coletivos

Atena
Editora
Ano 2020



Alexsandro Teixeira Ribeiro
(Organizador)

Comunicação, Política e Atores Coletivos

Atena
Editora
Ano 2020



Alexsandro Teixeira Ribeiro
(Organizador)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Tais Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Alexsandro Teixeira Ribeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C741 Comunicação, política e atores coletivos [recurso eletrônico] / Organizador Alexsandro Teixeira Ribeiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-365-1

DOI 10.22533/at.ed.651201709

1. Comunicação. 2. Política e governo. I. Ribeiro, Alexsandro Teixeira.

CDD 302.24

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Comunicação, Política e Atores Coletivos” reúne uma série de contribuições científicas que aprofundam o debate sobre temas de convergência entre as áreas da comunicação, como jornalismo, publicidade e relações públicas, em diálogo com outras áreas do conhecimento, como psicologia, sociologia, ciência política e marketing. De cunho interdisciplinar, a obra tem por objetivo apresentar o resultado de pesquisas realizadas em todo o país, consolidando um quadro de cooperações científicas que destaca a excelência nacional na produção de conhecimento. O resultado deste esforço, é uma organização que problematiza assuntos atuais e de relevância pública, como crise econômica, representatividade, gêneros, combate ao feminicídio e movimentos sociais.

De fato, em uma sociedade imersa na comunicação, em que a realidade é socialmente construída a partir das tecnologias da informação, o papel dos meios na representatividade e visibilidade social de um fato é de extrema centralidade. Com isso, a comunicação torna-se a arena para debates que renovarão a esfera pública e promover a integração da sociedade, sobretudo no que diz respeito às comunidades em vulnerabilidade, as identidades que clamam por reconhecimento e os movimentos sociais. Este é o palco que se torna predominante entre as contribuições científicas nesta obra reunida e publicada pela Atena Editora.

Aqui, em um primeiro bloco de artigos, nos aprofundamos na análise dos meios de comunicação ora como promotores de empoderamento, ora como espaço de exclusão. Nesta dicotomia, observamos os discursos e comportamentos da mídia frente ao feminismo, à representatividade da comunidade LGBTI, e à participação das mulheres nos espaços de poder. E não se encerra aí. Ainda observamos nos demais artigos e esforços acadêmicos, que dão conta da amplitude da obra e da qualidade da formação superior nacional, temas como luta pela terra, políticas públicas, a história recente brasileira na luta pela democracia, a violência urbana, crise econômica e o papel da mídia e do Estado em áreas de invisibilidade social. O rigor metodológico e as contribuições interdisciplinares faz da coleção “Comunicação, Política e Atores Coletivos” uma obra que contribui para o campo científico nacional.

Alexsandro Teixeira Ribeiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A VISIBILIDADE DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO ESTADÃO: UM ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA EM REPORTAGENS VEICULADAS NOS ANOS DE 1985 E 2015	
Luíza Buzzacaro Barcellos Janie Kiszewski Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.6512017091	
CAPÍTULO 2	14
LIP SYNC FOR YOUR LIFE: UMA DISCUSSÃO JORNALÍSTICA SOBRE DRAG QUEENS	
Talita Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6512017092	
CAPÍTULO 3	26
MULHERES UNIDAS CONTRA BOLSONARO - REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE A PARTICIPAÇÃO CIVIL FEMININA NA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2018	
Raquel Lobão Evangelista	
DOI 10.22533/at.ed.6512017093	
CAPÍTULO 4	40
MÍDIAS DIGITAIS, CUIDADO E AUTOCUIDADO NO MOVIMENTO FEMINISTA COMO ESTRATÉGIA DE PARTICIPAÇÃO	
Cosette Castro	
DOI 10.22533/at.ed.6512017094	
CAPÍTULO 5	53
A MULHER NA FOLHA BANCÁRIA: UM RECORTE DE GÊNERO NA IMPRENSA SINDICAL	
Alexsandro Teixeira Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.6512017095	
CAPÍTULO 6	65
AS RECATADAS: AS MULHERES ENQUANTO PAUTA E PROTAGONISTAS NO RÁDIO	
Sofia Soares Dietmann Leslie Sedrez Chaves	
DOI 10.22533/at.ed.6512017096	
CAPÍTULO 7	75
O CORPO NOS ECOSSISTEMAS COMUNICATIVOS: DESDOBRAMENTOS PARA A EDUCOMUNICAÇÃO	
Ricardo Barretto	
DOI 10.22533/at.ed.6512017097	

CAPÍTULO 8	85
CÂNCER DE MAMA: CORPO, POLÍTICA E A FOTOGRAFIA HUMANISTA DE KATHARINA MOURATIDI	
Mônica Torres	
DOI 10.22533/at.ed.6512017098	
CAPÍTULO 9	101
O PAPEL DO JORNALISMO NO CONTROLE DEMOCRÁTICO E NA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS	
Juciméri Isolda Silveira	
Manuella Niclewicz	
DOI 10.22533/at.ed.6512017099	
CAPÍTULO 10	110
CONTROLE, REPRESSÃO E VIGILÂNCIA SOB O OLHAR INFANTIL EM <i>O ANO EM QUE MEUS PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS</i>	
Gisele Gutstein Guttschow	
Juliana de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.65120170910	
CAPÍTULO 11	124
DO TRABALHO PRECÁRIO À ORGANIZAÇÃO MILITANTE: FORMAS DE ATUAÇÃO POLÍTICA DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TETO (MTST)	
Renan Dias Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.65120170911	
CAPÍTULO 12	140
A CIDADE DO MEDO: A CRISE POLÍTICO-ECONÔMICA E SEUS EFEITOS SOBRE A MARCA RIO	
Patricia Cerqueira Reis	
Diego Santos Vieira de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.65120170912	
CAPÍTULO 13	154
A REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932: UMA ANÁLISE DA COBERTURA MIDIÁTICA ACERCA DO FATO HISTÓRICO	
Carlos Eduardo Klingelfus Grasso	
Guilherme Barros Nascimento	
Israel Filipe Santos Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.65120170913	
CAPÍTULO 14	170
BANDIDOS NA TV: A MORTE PELA AUDIÊNCIA	
Marcela Rochetti Arcoverde	
DOI 10.22533/at.ed.65120170914	

CAPÍTULO 15	181
O JORNALISMO NA ERA DO ENTRETENIMENTO: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE INFOTENIMENTO	
Paula Miranda	
Leonel Azevedo de Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.65120170915	
CAPÍTULO 16	194
GUTEMBERG: A ERA DA IMPRENSA	
Adelcio Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.65120170916	
CAPÍTULO 17	202
INSTRUMENTOS DE PARTICIPAÇÃO POPULAR INFORMAIS: UMA ANÁLISE DOS CONSELHOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS NO MUNICÍPIO DE SOUSA-PB	
Jacynara Farias de Souza Marques	
Rafaela Azevedo dos Santos Felix	
DOI 10.22533/at.ed.65120170917	
CAPÍTULO 18	221
INTERVENÇÃO FEDERAL NO RIO DE JANEIRO (2018): ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS MIDIÁTICAS UTILIZADAS PELO <i>JORNAL NACIONAL</i> E DA SUA RESPONSABILIDADE NA MUDIATIZAÇÃO DA SEGURANÇA PÚBLICA E DA VIOLÊNCIA NO ESTADO	
Tamiris Artico	
Carla Montuori Fernandes	
Maria Goreti Lopes Artico	
DOI 10.22533/at.ed.65120170918	
CAPÍTULO 19	244
NEUROMARKETING APLICADO SOBRE GRANDES MASSAS	
Adelcio Machado dos Santos	
Alexandre Carvalho Acosta	
Evandro Henrique Cavalheri	
DOI 10.22533/at.ed.65120170919	
CAPÍTULO 20	252
O BRASIL NAS NARRATIVAS AUDIOVISUAIS QUE CIRCULAM NO IMAGINÁRIO ESTRANGEIRO, PRODUÇÃO, CONSUMO E PODER	
Roberta Brandalise	
DOI 10.22533/at.ed.65120170920	
CAPÍTULO 21	265
O CELEIRO VAZIO: A DECISÃO DE PUBLICITÁRIOS DE DEIXAR AS AGÊNCIAS CARIOCAS	
Roberto Sá Filho	
Diego Santos Vieira de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.65120170921	

CAPÍTULO 22	282
A FOTOGRAFIA EM RELAÇÕES PÚBLICAS Ana Domitila Rosa Lemos Silva Gardene Leão DOI 10.22533/at.ed.65120170922	
CAPÍTULO 23	295
PSICOLOGIA AMBIENTAL: UM DIÁLOGO COM ARQUITETURA E DIREITO João Ernesto Pessutto Marco Aurelio Prette Charaf Bdine Nelson Finotti Silva Carlos Florido Migliori Paula de Oliveira Santos Miyazaki Neide Aparecida Micelli Domingos Leda Maria Branco Maria Cristina de Oliveira Santos Miyazaki DOI 10.22533/at.ed.65120170923	
CAPÍTULO 24	308
UM TOM REDENTOR PARA O DISCURSO PUBLICITÁRIO DIANTE DA CRISE ECONÔMICA BRASILEIRA Lívia Valença da Silva DOI 10.22533/at.ed.65120170924	
CAPÍTULO 25	322
DESCOBRINDO NOVOS CAMINHOS: APLICAÇÕES DA TERAPIA COGNITIVO- COMPORTAMENTAL Tháís Sanches Silva Eliana Melcher Martins DOI 10.22533/at.ed.65120170925	
SOBRE O ORGANIZADOR	333
ÍNDICE REMISSIVO	334

CAPÍTULO 4

MÍDIAS DIGITAIS, CUIDADO E AUTOCUIDADO NO MOVIMENTO FEMINISTA COMO ESTRATÉGIA DE PARTICIPAÇÃO

Data de aceite: 01/09/2020

Cosette Castro

Universidade de Brasília
Brasília

<http://lattes.cnpq.br/6638569357514374>

Este artigo é parte das reflexões pós-doutorais que venho desenvolvendo no Instituto de Psicologia da UNB, em Brasília, com acompanhamento da professora Valeska Zanello. Bolsista Capes.

RESUMO: Em tempos de crise da democracia é possível estabelecer fluxos comunicativos que possibilitem a inclusão social e digital de mulheres ativistas no Brasil, cada vez mais ameaçadas pela violência e o feminicídio? O presente artigo reflete sobre o uso das mídias digitais como (possível) espaço de saúde mental entre mulheres ativistas e apresenta projeto inédito no Brasil realizado pela ONG CFEMEA, de Brasília/DF, de estímulo ao cuidado e autocuidado entre mulheres. O estudo apresenta um diálogo entre as Ciências da Comunicação, na sua vertente digital, a partir do uso das mídias digitais pela ONG CFEMEA, com os Estudos de Gênero, levando em consideração as diferenças existentes no interior do movimento feminista e a naturalização, na sociedade patriarcal, do papel da mulher em relação ao cuidado como algo “natural”, e com a Psicanálise gerando (possíveis) novas subjetividades.

PALAVRAS - CHAVE: Mídias Digitais; Gênero, CFEMEA, Psicanálise, Saúde Mental.

DIGITAL MEDIA, CARE, SELF-CARE IN THE FEMINIST MOVEMENT AS A PARTICIPATION STRATEGY

ABSTRACT: In times of crisis of democracy, is it possible to establish communicative flows that enable the social and digital inclusion of women activists in Brazil, increasingly threatened by violence and femicide? This article reflects on the use of digital media as a (possible) space for mental health among women activists and presents an unprecedented project in Brazil carried out by the NGO CFEMEA, in Brasília / DF, to encourage care and self-care among women. The study presents a dialogue between Communication Research, in its digital aspect, from the use of digital media by the NGO CFEMEA, with Gender Studies, taking into account the existing differences within the feminist movement and the naturalization, in patriarchal society, of the role of woman in relation to care as something “natural”, and with Psychoanalysis generating (possible) new subjectivities.

KEYWORDS: Digital Media, Gender, CFEMEA, Psychoanalysis, Mental Health.

INTRODUÇÃO

Este artigo foi dividido em três etapas. Na primeira parte, apresenta reflexões sobre a relação entre saúde mental, cuidado e autocuidado a partir de autores como Boff, Ayres, Gilligan, Corbani, Brêtas e Matheus e Foucault. Na segunda etapa, inclui a contextualização sobre os estudos de gênero, em suas diferentes etapas, a partir de autoras como Scott, Butler,

De Lauretis e Zanello, apresentando também o Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA) e seu projeto de cuidado e autocuidado entre mulheres ativistas. A última parte deste artigo apresenta um breve diálogo entre Psicanálise e mídias digitais, sobre as possibilidades de resistência e produção de novas subjetividades nas redes sociais digitais (RSD) em tempos de cerceamento à liberdade sexual e manifestações de gênero.

SOBRE SAÚDE MENTAL, CUIDADO E AUTOCUIDADO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) (2004) afirma que saúde mental é um estado de bem-estar nos diversos âmbitos de uma pessoa: subjetivo, intelectual e emocional, assim como a possibilidade de construção de competências individuais e coletivas. Nesse trabalho considera-se que o cuidado e o auto-cuidado são parte importante do constructo emocional da saúde mental.

Para Boff (1999), o cuidado se encontra na raiz primeira do ser humano, é um modo-de-ser essencial. O teólogo considera o cuidado uma dimensão sempre presente, irreduzível, originária, ontológica e impossível de ser completamente desvirtuada: “Mitos antigos e pensadores contemporâneos dos mais profundos nos ensinam que a essência humana não se encontra tanto na inteligência, na liberdade ou na criatividade, mas basicamente no cuidado” (Boff, 1999, p. 11).

O autor afirma também que “cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto abrange mais que um momento de atenção, de zelo e desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro” (p. 33).

Ayres (2004), também de inspiração heideggeriana, entende o cuidado a partir de três categorias: ontológica, genealógica e crítica. A categoria ontológica diz respeito ao cuidado como uma condição da existência humana, como o moldador da existência, o qual só concretiza-se a partir da mesma; e abrange aspectos constituintes da existência relevantes para a saúde, tais como o movimento, a interação, a identidade e alteridade, a plasticidade, o projeto, o desejo, a temporalidade, a não-causalidade e a responsabilidade. A genealógica implica uma compreensão histórica acerca da perspectiva das primeiras teorizações sobre o cuidado de si, na Grécia Antiga.

O cuidado como categoria crítica refere-se ao modo de interação existente nas práticas de saúde contemporâneas, dedicando-se ao campo já delimitado da tecnologia e suas relações com o atendimento a aquele/a que necessita. Desde o ponto de vista filosófico, o cuidado é percebido como “uma categoria com a qual se quer designar simultaneamente, uma compreensão filosófica e uma atitude prática frente ao sentido que as ações de saúde adquirem nas diversas situações em que se reclama uma ação terapêutica” (Ayres, 2004, p. 74).

É na sociedade patriarcal que a ética do cuidado pode ser deturpada em uma

ética feminina – algo que até pode possuir um valor no âmbito de relações familiares e de proximidade, mas não tem qualquer importância do âmbito mais amplo da sociedade, governada por direitos, princípios e normas, geralmente concebidos em conformidade com valores patriarcais. Tais direitos, princípios e normas exigem sujeitos com determinadas características, entre elas a da autonomia, para que possam participar ativamente desse espaço.

Por outro lado, é também na sociedade patriarcal que a ética do cuidado pode se constituir em um instrumento de transformação social. (Gilligan, 2011, p. 23). O cuidado aparece aqui na forma da valorização da interdependência entre os seres humanos, considerando-se as relações dentro de seu contexto. O teórico francês, Michael Foucault afirmava que, embora na sociedade exista uma série de dispositivos¹ de poder² que tentam dobrar os indivíduos e controlar sua subjetividade e desejo, os sujeitos sociais conseguem encontrar formas de escapar destes mecanismos de poder ao cuidar de si. As mulheres ativistas que fazem parte do projeto de cuidado e autocuidado do CFEMEA tentam romper, através de encontros sistemáticos presenciais e/ou virtuais com os dispositivos de poder a que são submetidas e geram sofrimento, para dar espaço ao autocuidado.

A ética do cuidado permite ainda questionar a cultura que opõe os gêneros, isto é, que induz meninos a esconder seus sentimentos como se isso fosse parte do processo „natural“ de formação da masculinidade. Através da concepção ética baseada no cuidado defende-se que certas características podem ser desenvolvidas por todos os seres humanos, entre elas, a habilidade de cuidar. Seres humanos não precisam se dissociar de si mesmos tendo em vista a determinação patriarcal de corresponder ao estereótipo do “homem másculo”. Ou seja, a ética do cuidado, ao dar espaço aos sentimentos morais, tais como, amor, entendimento mútuo, empatia, entre outros, não é uma abordagem feminina, mas possibilita uma abordagem feminista da ética, que visa a transformação da própria sociedade patriarcal.

O ato de cuidar em Corbani, Brêtas e Matheus (2009, p. 350) se refere a

“Usar da própria humanidade para assistir a do outro - como ser único, composto de corpo, de mente, vontade e emoção, com um coração consciente, que com seu espírito intui e comunga. Falamos, portanto, de seres pensantes, dotados de dignidade, a ser cuidados em sua totalidade”. (Corbani, Brêtas & Matheus, 2009, p. 350)

No entanto, com relação a si, as pessoas encontram-se esquecidas de si mesmas. Na concepção ética de Foucault significa que ele/a se esquece de cuidar de si mesmo/a e, além disso, esquece-se desse esquecimento, o que o/a impede de “cuidar de si”. As

1 Conceito de Foucault que combina estrategicamente os campos do saber, a partir de uma rede de discursos, as relações de poder, onde é possível determinar as relações e disposições estratégicas entre seus elementos e os modos de subjetivação dos sujeitos.

2 Foucault (1993) diz que o poder não é apenas coercitivo e negativo, mas produtivo: ele não somente nega, coíbe e proíbe, ele produz e incita.

pessoas nessas condições mantêm-se distante de si com sua consciência localizada em outras coisas que não ele/a mesmo/a. De acordo com o autor francês, o homem necessita voltar para si para depois voltar-se para o mundo, caracterizando o duplo-retorno dessa concepção ética.

Segundo Foucault (2010), o cuidado de si mesmo³ é visto como um sinal de liberdade já que parte da consciência e de um conjunto de decisões que tomamos durante a nossa vida. Além disso, ele é constituído como um pilar das relações sociais e individuais e na prática de um conhecimento adquirido. O pensador francês observa a importância do corpo-mente como uma unidade transcendente e singular. Foucault afirma que existimos para gerar autoconsciência e responsabilidade sobre a nossa própria vida.

Embora na sociedade patriarcal exista uma série de dispositivos⁴ de poder⁵ que tentam dobrar os indivíduos e controlar sua subjetividade e desejo, os sujeitos sociais conseguem encontrar formas de escapar destes mecanismos de poder ao cuidar de si. Um exemplo é o projeto, inédito no Brasil, que vem sendo desenvolvido pela ONG CFEMEA, de Brasília/DF, e será abordado nas próximas páginas.

Vale recordar que o sujeito é compreendido por Foucault como um “eu” ético em relação consigo mesmo, sendo assim compreendido como “transformável, modificável: é um sujeito que se constrói, que se dá regras de existência e conduta [...]”. A ética consiste, para Foucault, no direcionamento da própria subjetividade reflexiva para si visando formas de se reinventar, de se elaborar a própria vida.

O sujeito cria uma “distância” entre si e o mundo não egoisticamente, mas sim, criando essa distância, volta-se para si, para agir sobre o mundo. Trata-se de um “eu” reflexivo que, de acordo com as circunstâncias, recolhe-se para depois agir. A proposta de Foucault consiste em cuidar de si para poder cuidar do outro, exigindo responsabilidades para com o mundo.

A ética do “cuidado de si” consiste em um conjunto de regras de existência que o sujeita dá a si mesmo promovendo, segundo a sua vontade e desejo, uma forma ou estilo de vida culminando em uma “estética da existência”. O cuidado de si não consiste em uma ética em que o sujeito se isola do mundo, mas sim retorna para si mesmo para depois agir, particularmente quando diz respeito ao cuidado e autocuidado de mulheres ativistas.

Oliveira e Dordevic (2015), do grupo de coordenação do CFEMA, seguem a mesma linha de pensamento de Gilligan e Foucault:

“O cuidado entre ativistas é uma forma de intervenção política que oportuniza, às mulheres que estão no ativismo, lidar com elementos que bloqueiam sua trajetória de transformação no âmbito subjetivo. É um caminho para interpelar

3 Aqui compreendido como autocuidado.

4 Conceito de Foucault que combina estrategicamente os campos do saber, a partir de uma rede de discursos, as relações de poder, onde é possível determinar as relações e disposições estratégicas entre seus elementos e os modos de subjetivação dos sujeitos.

5 Foucault (1993) diz que o poder não é apenas coercitivo e negativo, mas produtivo: ele não somente nega, coíbe e proíbe, ele produz e incita.

o individualismo, o sexismo, o racismo e outras formas de discriminação que introjetamos e nos oprimem. E, ao mesmo tempo, é uma maneira de lidar e buscar eliminar tais elementos dos discursos e práticas de quem quer transformar o mundo”. (Oliveira & Dordevic, 2015, *on line*).

CUIDADO, AUTOCUIDADO E SUA RELAÇÃO COM A QUESTÃO DE GÊNERO

Segundo a pesquisadora Joan Scott (1989, p.09), o feminismo como movimento global aborda as preocupações em relação ao gênero a partir de três posturas:

1ª Postura - Um esforço inteiramente feminista que tenta explicar as origens do patriarcado;

2ª Postura - Situa-se no seio de uma tradição marxista e procura um acordo com as críticas feministas;

3ª Postura - Está dividida entre o pós-estruturalismo francês e as teorias anglo-americanas de relações de objeto, inspirando-se nas várias escolas de Psicanálise para explicar a produção e a reprodução da identidade de gênero do sujeito.

O conceito de gênero aparece através da Psicologia em sua vertente médica pela primeira vez a partir dos trabalhos de Robert Stoller (Lamas Apud Zanello, 2018), ao desconstruir socialmente o “feminino” do “masculino”. A primeira onda feminista, marcada pela luta pelo direito ao voto universal no final do século XIX e começo do século XX, já mostrava as necessidades, reivindicações e diferenças dentro do movimento de mulheres, particularmente no que diz respeito a realidade das mulheres brancas e não brancas, o que no caso brasileiro, ainda segue ocorrendo.

A segunda onda ofereceu relevância às duas questões fundadoras deste momento: a diferença social como um “fato”, sendo o gênero uma construção social a partir dessas diferenças e a noção de identidade como algo substancial, marcado pela constância (Zanello, 2018, p.43). Mais uma vez, as diferenças entre mulheres brancas, particularmente as de classe média e alta, e não brancas é deixado de lado, inclusive no Brasil. Já a terceira onda, que começou no final dos anos 80 do século XX, colocou em xeque vários pressupostos do momento anterior, inclusive a inquestionabilidade da diferença sexual, anatômica e biológica, levando em consideração que as questões biológicas sempre foram utilizadas para reduzir e restringir os espaços femininos.

A maior representante da terceira onda do feminismo, a filósofa Judith Butler (2012), defende que a diferença sexual é uma construção de gênero e assim sendo, é um conceito que está relacionado e implica relações de poder – historicamente determinadas pelos homens - de privilégios e de maior ou menor prestígio e aparece discursivamente.

Esses discursos aparecem e se multiplicam na família, na escola, nos meios de comunicação, nos artefatos culturais e artísticos (livros, revistas, espetáculos, filmes, analógicos ou *on line*, etc), nos locais de trabalho, nas diferentes manifestações religiosas

e nos grupos sociais, como clube e associações, entre outros, “naturalizando-se” até serem questionados.

No que diz respeito ao movimento de mulheres é importante ressaltar o papel que muitos movimentos alternativos à militância feminista desempenham e como essas posturas inserem-se em seus discursos. São agrupações que lutam pela equidade de gênero, mas não possuem uma afiliação formal a partidos ou organizações com objetivos políticos e/ou de mobilização coletiva definidos.

Esse tipo de feminismo não afiliado – como é o caso da ONG CFEMEA⁶ - tem alcançado, a partir da popularização da internet, voz importante na esfera pública⁷ nacional e internacional, ocupando espaços de compartilhamento social também através da virtualidade para espalhar suas idéias. No caso do CFEMEA, uma organização não governamental sem fins lucrativos, fundada em 1989, com sede em Brasília-DF, a voz feminista se faz presente também na esfera pública presencial. Essa esfera pública presencial ocorre tanto nas atividades desenvolvidas com mulheres em todo país, como é o caso das rodas de cuidado e autocuidado, quanto nas lutas desenvolvidas no Congresso Nacional e no ativismo de rua e em manifestações públicas.

A ONG CFEMEA, com sede em Brasília, foi criada há 30 anos e desde 2015 inaugurou um ciclo de trabalho orientado à sustentabilidade do ativismo feminista e das mulheres. Essa orientação ocorre em duas linhas de ação: o desenvolvimento da dimensão política do autocuidado e do cuidado entre ativistas e militantes; e a formação política feminista⁸. De acordo com o site do CFEMEA, a ONG vem promovendo cursos, debates, encontros, formações e rodas de autocuidado e cuidado entre mulheres ativistas, trazendo elementos dos grupos de autorreflexão que inauguraram a onda feminista dos anos 60; da Terapia Comunitária Integrativa (criada nos anos 1980), da metodologia da Roda de Mulheres (desenvolvida pela Arcana, em 2004), e da práxis educativa feminista, que tem como referência a pedagogia de Paulo Freire. “O diálogo entre as mulheres, sujeitas de suas próprias vidas, é um elemento central desta metodologia, geradora de processos reflexivos e de autoconscientização, voltados para uma ação transformadora da realidade”⁹.

Projetos de cuidado e autocuidado, como o realizado pelo CFEMEA, podem ser considerados como um espaço de resistência em tempos de cerceamento dos direitos individuais e coletivos no Brasil, oferecem um espaço virtual de fluxo comunicacional contínuo que reflete sobre a condição da mulher em diferentes Estados brasileiros e colaboram para criar vínculos e fortalecer laços sociais entre as ativistas.

O conceito de laço social, aqui visto como a possibilidade que as relações entre mulheres ativistas possam reforçar o autocuidado. Laço social foi o termo cunhado por

6 Mas que possui mobilização coletiva definida.

7 No sentido dado por Habermas.

8 Informações disponíveis na página web do CFEMEA.

9 Conforme o texto “Ativistas: Uma estratégia para fortalecer as lutas das mulheres” (sem autoria), disponível no site do CFEMEA.

Lacan em sua leitura daquilo que Freud chamava de vida social para designar qualquer acontecimento que envolvesse a atitude do sujeito em relação aos outros. Uma noção que aparece na sua teoria dos discursos (*O Seminário, livro 17, O avesso da Psicanálise* - 1969- 70). Mas outros autores como os sociólogos Dominique Wolton (1998), Zygmunt Bauman (1999) e a psicanalista Scherry Turkle (19997b) refletiram sobre os laços sociais. Turkle, por exemplo, afirmou que os mundos virtuais podem ajudar na resignificação de aspectos de si. Os três autores acreditam que as redes sociais digitais constituem poderosos elos da corrente relacional.

Os discursos, sejam eles presenciais ou virtuais, servem de fundamento para o laço social, pois cada um implica uma articulação do campo de sujeito com o campo do Outro, o que reflete o princípio de todo laço social.

ESTUDO DE CASO DO CFEMEA¹⁰

Ao longo das atividades psicanalíticas de atendimento na Clínica Social da Associação Brasileira de Estudos e Pesquisa em Psicanálise (ABEPP) e na participação das Rodas de Cuidado e Autocuidado para Mulheres do CFEMEA em 2018 foi possível observar como as mulheres - mesmo as ativistas - são cultural e historicamente preparadas para “cuidar” dos outros (marido, filhos, pais, comunidade ou alunos), dentro de uma lógica binária sobre masculino/feminino. Essa lógica binária inclui a “naturalização do cuidado” como algo relacionado ao feminino, sendo o autocuidado percebido, muitas

vezes, como uma forma egoísta de estar e sentir o mundo ou ainda apontado como “autoindulgência”, gerando sofrimento entre as mulheres.

O recorte de gênero nesta reflexão ganha aderência em diálogo com as Ciências da Comunicação, pois aponta também a relação das mulheres com as tecnologias e com as mídias digitais, em geral pensadas e desenvolvidas para homens, embora o uso de computadores só tenha se tornado viável a partir das pesquisas sobre algoritmo realizadas por Ada Lovelace¹¹ no século XIX e pelos estudos que viabilizaram a conexão *wireless* da atriz e pesquisadora austríaca radicada nos Estados Unidos, Hedy Lamar¹², nos anos 40 do século XX.

Os dois casos de mulheres cientistas que revolucionaram a tecnologia mundial e que só foram reconhecidas recentemente ajudam a exemplificar os processos de invisibilização das mulheres em geral (e das cientistas em particular) no decorrer da história, algo que ocorreu em uma sociedade patriarcal com a convivência tanto da academia

10 De acordo com seu site, o feminismo, os direitos humanos, a democracia e a igualdade racial são nossos marcos políticos e teóricos. Mais informações em <http://www.cfemea.org.br>.

11 Disponível em < www.tudointeressante.com.br/2016/03/16-coisas-inventadas-pelas-mulheres-que-mudaram-o-mundo.html>. Acesso em 26 de dezembro de 2018.

12 Disponível em < <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2015/03/veja-10-mulheres-inventoras-que-revolucionaram-o-mundo.html>>. Acesso em 26 de dezembro de 2018.

como das mídias analógicas e mais recentemente das mídias digitais comerciais¹³. Essa invisibilidade é uma violência de gênero institucional reforçada pelo discurso jornalístico que apresenta – no contexto brasileiro - o conceito de gênero como binário. Isto é, uma idéia de masculino/feminino, de masculinidade/feminilidade como essências, seja no sentido metafísico como “naturalizante” (Zanello, 2018).

Essa “naturalização” leva a idéia (distorcida) de que as mulheres têm instinto materno e são “naturalmente” cuidadoras, enquanto os homens são “naturalmente” agressivos e “potencialmente” inovadores. Trata-se de uma lógica paternalista que estimula homens e mulheres a acreditarem também que o desenvolvimento, uso e apropriação de tecnologias digitais seria algo restrito ao mundo masculino.

Ainda que o movimento feminista tenha avançado em suas conquistas, a invisibilidade das mulheres segue vigente ainda hoje e aparece em diferentes níveis sociais e etários¹⁴, como mostra recente estudo da fundação chilena *Espacio Público* (2018)¹⁵ ao relatar que 12,5 milhões de jovens na América Latina entre 15 e 24 anos, entre as quais as brasileiras, não estudam nem trabalham (fora de casa). O estudo mostra que as mulheres representam a maioria dos casos, sendo que no Brasil as jovens mulheres chegam a 30%, 10% a mais que os rapazes. Entre aquelas que não estudam nem trabalham (fora de casa), 64% se dedicam ao cuidado de familiares, quase todas fazem serviços domésticos e ajudam nos negócios da família (95%).

DISCURSO FEMINISTA COMO PARTICIPAÇÃO E RESISTÊNCIA

O discurso torna-se o dispositivo pelo qual a identidade de gênero se constitui e, ao mesmo tempo, constitui a materialização da resistência por meio da linguagem (Butler, 2002). Por isso, a ocupação de espaços presenciais e/ou virtuais para multiplicar propostas e reflexões feministas, entre elas as que incluem o cuidado e autocuidado entre ativistas pode ser significativo para ampliar a participação das mulheres, particularmente em um país com graves diferenças sociais, educativas, com diferenças gritantes de infraestrutura e acesso às tecnologias digitais e com um crescente cerceamento ao direito à diferença. Como disse a ativista Audre Lorde (2018), o autocuidado é uma forma de autoproteção¹⁶ e é possível acrescentar, uma forma (e possibilidade) de autoconhecimento, onde o individual e o coletivo convivem e se transformam continuamente.

13 É verdade que o surgimento das mídias digitais colaborou para a divulgação das propostas feministas e dos direitos das mulheres, mas em geral se restringem a publicações on line alternativas, acessíveis a um público interessado na temática feminista ou dos direitos humanos.

14 Embora a pesquisa não cite, a questão racial é também uma forma de invisibilização da mulher, particularmente no caso de mulheres negras ou indígenas.

15 A pesquisa intitulada Milenials na América Latina e Caribe: trabalhar ou estudar? foi publicada em dezembro de 2018 e envolveu 15 mil entrevistadas em nove países, entre eles o Brasil. Disponível em < https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/04/internacional/1543937044_452881.html?id_externo_rsoc=FB_CC&fbclid=IwAR2fBEPFw6C-NA2w-JmXgbfNjCuwBtDwUyRo0ky4pvL2-B893HpavkUfneuQ > . Acesso em 20 de dezembro de 2018.

16 COMUM (2018). Mini-Manual de Autocuidado para Mulheres na Linha de Frente. (documento pdf)

Não se trata mais de pensar o feminismo como uma massa compacta, como ocorreu na segunda onda, mas de pensar o movimento feminista com diferentes grupos de mulheres, com suas singularidades, pois, para além das relações de gênero, o sujeito também está marcado por um campo social heterogêneo (De Lauretis, 1984)¹⁷ com sua complexidade e diferenças, que incluem as relações de classe, raça, religiosidade, sexualidade, nível educacional, ocupação e níveis de alfabetização digital e acesso às tecnologias.

PSICANÁLISE, SUBJETIVIDADE E SAÚDE MENTAL

O surgimento da Psicanálise, contam Roudinesco & Plon (1998, p.742,) ocorre em meio a modernidade do mundo ocidental, quando o discurso da ciência substitui o discurso teológico e a noção de subjetividade passa a ser dominada pela razão, sendo conduzida pela consciência. O autocentramento do sujeito no eu e na consciência é o marco cartesiano (“*penso, logo sou*”), que atribui ao eu o seu reinado, subjugando o conceito de inconsciente, ficando este reduzido a uma espécie de consciência desconhecida. A filosofia ocidental define o sujeito como sendo “o sujeito do conhecimento, do direito ou da consciência”, e que desde “René Descartes (1596-1650) e Immanuel Kant (1724-1804) até Edmund Husserl (1859-1938), o sujeito foi definido como o próprio homem enquanto fundamento de seus próprios pensamentos e atos”.

Nesse momento, lembram Torezan e Aguiar (2011), sendo a individualidade colocada como o ideário da modernidade, a subjetividade era pensada como algo unificada e governada pela consciência, que reduzia o conceito de inconsciente a um estado de caráter temporário e adjetivado. Foi preciso aparecerem as reflexões de pensadores como Marx¹⁸, Nietzsche¹⁹ e Freud para abalar de vez esses conceitos e mitos. No que diz respeito à Psicanálise, Freud abalou o estatuto de soberania do eu, da consciência e da razão com uma nova concepção sobre o inconsciente.

Para Freud, o inconsciente passa da condição de apêndice da consciência à estrutura particular e determinante da subjetividade, o sujeito se torna cindido em duas formas de funcionamento: a consciente e a inconsciente. O inconsciente passa a ser considerado um sistema com regras próprias e é ele que constitui a subjetividade. Ao desenvolver as idéias de Freud, Lacan coloca o indivíduo como um sujeito da linguagem, atravessado por ela e pela cultura.

Se o século XVIII foi marcado pela objetividade, pelo Iluminismo e pela razão, o início do século XIX foi marcado pelo lirismo, pela subjetividade, pela emoção e pelo

17 Disponível em < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4033218/mod_resource/content/1/LAURETIS%2C%20Teresa%20de%20-%20%20A%20Tecnologia%20do%20Genero.pdf >.

18 Em Marx, o descentramento do eu ocorreu em relação à economia e à política, num reconhecimento das forças produtivas como ordenadoras da sociedade.

19 Nietzsche mostrou as relações de força e de poder como centrais e reguladoras do humano, também derrubando a primazia do eu e da consciência

Eu. Já o final do século XX e o início do século XXI são marcados pela globalização da economia, da informação, da comunicação e dos afetos potencializados pela revolução tecnológica digital. É possível, afirmar que, de um lado, as marcações que o século XXI imprime no psiquismo de cada um se desvelam em sintomas como a banalização do sexo, a frouxidão dos vínculos afetivos, a insegurança, o medo do envolvimento e a depressão em última instância. Por outro lado, em termos coletivos, grupos sociais como as feministas tentam desvelar novas subjetividades através de projetos coletivos de cuidado e do autocuidado entre ativistas, como é o caso da ONG CFEMEA na tentativa de estimular a saúde mental entre mulheres ativistas.

Nesse sentido, pensar a Psicanálise contemporânea para Marucco (2007), implica rever metodologias e em particular, o trabalho do analista no exercício de suas funções analíticas e na sua inclusão como pessoa nesse encontro de singularidades que é o campo analítico. Representa também – na área acadêmica - ampliar o trabalho dos pesquisadores desta área, dado o nível de áreas de conhecimento envolvidas e transversalidades dos temas que colaboram na reflexão sobre cuidado e autocuidado.

No que diz respeito a relação entre subjetividade e gênero, De Lauretis (1984) afirma que a representação social de gênero afeta sua construção subjetiva. E acrescenta: “a representação subjetiva do gênero – ou sua auto-representação – afeta sua construção social abrindo uma possibilidade de agenciamento e auto-determinação ao nível do subjetivo e até individual das práticas micropolíticas cotidianas”. (De Lauretis, 1984, 140)

CONSIDERAÇÕES FINAIS: USO DAS MÍDIAS E REDES SOCIAIS DIGITAIS

Em termos de inclusão digital, vale recordar que, em 2018, o relatório *Digital In*, ofertado pelos serviços *on line* *Hootsuit* e *We Are Social*, mostrou que dos 7,5 bilhões de habitantes no planeta, 4,21 bilhões estão conectados. Ou seja, apenas 53%²⁰, pouco mais da metade da população mundial. Destes, existem 3,196 bilhões de internautas que utilizam redes sociais digitais, o que representa 42% de todos habitantes do planeta, mas em cada país esse acesso é diferente, seja por questões de alfabetização digital, seja por condições de falta de infra-estrutura de rede, preços de equipamentos, mensalidade de internet, assim como pelos diferentes níveis de velocidade de rede ofertados à população.

Apesar de todos os problemas de baixa infra-estrutura de rede, o Brasil - entre os incluídos digitais - é o 3º país no mundo que mais tempo fica *on line*, com uma média diária de 9,14 horas. Os internautas acessam internet em diferentes plataformas tecnológicas, principalmente o celular, a tecnologia digital mais usada no mundo para entrar nas redes sociais digitais (RSD). A rede social digital mais utilizada no país é o Whats App (WApp), seguida pelo Facebook (FB)²¹. A troca de e-mails é cada dia mais reduzida, perdendo

20 Vale recordar que no mundo, 47% da população está desconectada, sem acesso à informação, ao conhecimento ou aos negócios digitais.

21 Segundo dados da pesquisa Conecta, 2017.

espaço, particularmente entre as gerações mais jovens, para a instantaneidade do FB e do WApp. Neste artigo compreende-se as redes sociais digitais como “comunidades de sentimentos”, conforme o faz Appadurai (1996), onde se unem sujeitos com interesses comuns, no caso o movimento feminista e as questões ligadas ao cuidado e autocuidado entre ativistas.

O CFEMEA possui *Facebook*, grupo no *WhatsApp* e utiliza a plataforma Universidade Livre Feminista (<https://universidadefeminista.org.br/>). A partir desta plataforma oferece cursos, diálogos e debates virtuais e atividades *on line*, onde o e-mail coletivo tem papel fundamental, já que nem todas participantes têm acesso diário à internet, particularmente as que residem no Norte e Nordeste do país. Nesse sentido, as redes sociais digitais são utilizadas para o ciberativismo²² com temporalidades diferenciadas. Dentro dos diálogos virtuais promovidos pelo projeto de cuidado e autocuidado, o mais importante é o tempo para a reflexão sobre os temas propostos que podem durar duas semanas, como ocorreu em experiência realizada em 2018. Nesse sentido, a instantaneidade não é um fator importante no diálogo entre as mulheres.

De acordo com Joinson (2005, p. 25), as pessoas utilizam as comunidades virtuais - seja o *Facebook*, o *Whats App* ou mesmo debates/diálogos virtuais através de *mails* coletivos como é o caso do CFEMEA - para falar de si mesmas em ambientes públicos, embora restrito às participantes dos grupos nas redes sociais digitais. Mesmo que muitas participantes não se conheçam presencialmente, não impede que o processo de *self-disclosure*²³ ocorra. Segundo Baym (2012), os contatos do grupo passam a ser reconhecidas pelos internautas – no caso, mulheres ativistas - como pessoas confiáveis com as quais podem se sentir à vontade para partilhar experiências íntimas relação de confiabilidade indireta entre os membros do grupo. Acreditamos que também colaboram para a troca de experiências cotidianas sobre cuidado e autocuidado, para a defesa sobre possíveis violências de grupos conservadores, para ampliar o espírito coletivo de “estar juntas”, mesmo fisicamente separadas e para se amparar mutuamente, multiplicando práticas de cuidado e autocuidado entre outras ativistas locais.

REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun. **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa: Teorema, 1996.

AYRES, José. Cuidado e reconstrução das práticas de Saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu**, 8(14),73-92, 2004.

22 “[...] toda estratégia que persegue a mudança da agenda pública, a inclusão de um novo tema na ordem do dia da grande discussão social, mediante a difusão de determinada mensagem e sua propagação através do “boca a boca” multiplicado pelos meios de comunicação e publicação eletrônica pessoal”. (Ugarte, apud Reis; Alves; Loureiro, 2013, p. 6)

23 A auto-revelação é um processo de comunicação pelo qual uma pessoa revela informações sobre si mesma para outra. A informação pode ser descritiva ou avaliativa, e pode incluir pensamentos, sentimentos, aspirações, objetivos, fracassos, sucessos, medos e sonhos, assim como os gostos, desgostos e favoritos. Disponível em <https://psychology.iresearchnet.com/social-psychology/self/self-disclosure/>.

_____. Da necessidade de uma prática reflexiva sobre o cuidado: a hermenêutica como acesso ao sentido das práticas de saúde. IN PINHEIRO, R. & ARAUJO, R. (Orgs.), **Razões públicas para a integralidade em saúde: o cuidado como valor** (p. 127-144). Rio de Janeiro: Editora do Centro de Estudos e Pesquisas em Saúde Coletiva, 2009.

BOFF Leonardo. **Saber Cuidar: Ética do humano - compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del sexo**. Nova York: Paidós, 2002.

CFEMEA. Autocuidado e Cuidado entre Ativistas: Uma estratégia para fortalecer as lutas das mulheres. (**Documentos CFEMEA**), 2018. Disponível em < <https://cfemea.org.br> > . Acesso em 18 de dezembro de 2018.

COMUM. Mini-Manual de Autocuidado para Mulheres na Linha de Frente, 2018. (**documento impresso**)

CORNABI, Nilza, BRÊTAS, Ana Cristina & MATHEUS, Maria. Clara. Humanização do cuidado de enfermagem: o que é isso? IN **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, 62(3),349-354, maio-jun/2009.

DE LAURETIS, Teresa. **A Tecnologia do Gênero**, 1987. Disponível em < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4033218/mod_resource/content/1/LAURETIS%2C%20Teresa%20de%20-%20%20A%20Tecnologia%20do%20Genero.pdf > . Acesso em 20 de dezembro de 2018.

EL PAÍS. **Milenials na América Latina e Caribe: trabalhar ou estudar?** Disponível em < https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/04/internacional/1543937044_452881.html?id_externo_rsoc=FB_CC&fbclid=IwAR2fBEPFw6C-NA2wJmXgbfNjCuwBtDwUyRo0ky4pvL2-B893HpavkUfneuQ > . Acesso em 20 de dezembro de 2018.

FREIRE, José Celio. A Psicologia a Serviço do Outro: Ética e Cidadania na Prática Psicológica. IN **Revista Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, 23 (4), 12-15, 2003.

FOUCAULT, Michael. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FUKS, Betty. **Freud e a Cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.

GILLIGAN, Carol. **In a Different Voice: psychological theory and women's development**. Cambridge: Harvard, 1982.

_____. **Teoria Psicológica e Desenvolvimento da Mulher**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

IBGE. **Pesquisa Conecta 2017**. Disponível em < <https://IBGE.gov.br> > . Acesso em 18 de dezembro de 2018.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zaar, 1997.

OLIVEIRA, Guacira. e DORDEVIC, Jelena. **Cuidado Entre Ativistas: tecendo redes para a resistência feminista**, 2015. Disponível em Disponível em < <https://cfmea.org.br>> . Acesso em 18 de dezembro de 2018.

OTERO, Cristhianne. Os Laços Sociais na Era Virtual: um novo discurso? . **Dissertação de Mestrado**, 2013. Disponível em < <https://docplayer.com.br/5070959-Programa-de-pos-graduacao-strictu-sensu-mestrado-profissional-em-psicanalise-saude-e-sociedade-christianne-otero-os-lacos-sociais-na-era-virtual.html> > . Acesso em 07 de janeiro de 2019.

REIS, Lisyane; ALVES, Elaize e LOUREIRO, Camila. *Ativismo de Sofá: O movimento feminista no Facebook*. In: **Congresso INTERCOM**, 15, 12-14 jun. 2013. Mossoró-RN. Anais. Mossoró: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, (paper impresso), 2013..

RODRIGUEZ, Deborah. Mujeres en Círculo: análise do ativismo virtual gerado por uma comunidade feminista no Facebook. **Revista Signos do Consumo**. São Paulo, v. 8, n. 2, p. 4-18, jul./dez, 2016..

RODRIGUES, Laís e LUVIZOTTO, Caroline. Feminismo na internet: o caso do coletivo marcha das vadias e sua página no Facebook. **Revista Colloquium Humanarum**, v. 11, n. especial, p. 367-375, 2014. Disponível em: <http://bit.ly/2edKDPu> . Acesso em: 05 janeiro de 2019.

SCOTT, Joan. **Gender: a useful category of historical analyses**. Nova York: Columbia University Press, 1989.

SILVA, Irene, OLIVEIRA, Marília, SILVA, Silvio, POLARO, Sandra, SANTOS, Evangelia, SANTANA, Mary. . Cuidado, Autocuidado e Cuidado de Si. IN **Revista Escola Enfermagem USP** (43) 3, 2009.

SITE G1. **10 Mulheres Inventoras que Revolucionaram o Mundo**. Disponível em < <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2015/03/veja-10-mulheres-inventoras-que-revolucionaram-o-mundo.html> >. Acesso em 26 de dezembro de 2018.

SITE TUDO INTERESSANTE (2016). **Coisas Inventadas pelas Mulheres**. Disponível em < www.tudointeressante.com.br/2016/03/16-coisas-inventadas-pelas-mulheres-que-mudaram-o-mundo.html>. Acesso em 26 de dezembro de 2018.

TURKLE, Sherry. Multiple subjectivity and virtual community at the end of the Freudian century. IN **Sociological Inquiry**, 67(1),pags. 72- 84, 1997b.

KUHNEN, Tania. A Ética do Cuidado Como Teoria Feminista, 2014. Disponível em http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT10_T%C3%A2nia%20Aparecida%20Kuhnen.pdf (**paper**). Acesso em 18 de janeiro de 2019.

ZANELLO, Valeska. **Saúde Mental, Gênero e Dispositivos – cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Apris, 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

análise de conteúdo 26, 37, 221, 228, 268

Análise de Conteúdo 242

Art-College Berlin-Weissense 88

C

Câncer de Mama 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99

Ciberativismo 26, 50

Comunicação Política 30, 32, 221

Conselho Tutelar 202, 210, 213, 214, 215, 219

Constituição Federal 4, 102, 203, 221, 222, 300, 303, 305

Crise Econômica 141, 145, 154, 308, 310, 313, 316

D

Discurso Publicitário 308, 312, 314, 319

Ditadura Civil-Militar 25, 111, 112, 114, 115, 118, 120, 122, 123

E

Educomunicação 75, 76, 78, 81, 83, 84

Estética 16, 43, 95, 98, 110, 111, 112, 122, 159, 170, 174, 175, 176, 178, 191, 264, 298

F

Feminicídio 4, 7, 10, 11, 13, 40

Feminismo 15, 24, 27, 34, 39, 44, 45, 46, 48, 51, 52, 65, 66, 68, 74

Fotografia de Exaltação 286, 287, 293

Foucault 19, 20, 24, 40, 42, 43, 51, 102, 106, 107, 108, 109, 253, 254, 264, 318, 320

G

Gaudreault 112, 113, 120, 123

Gênero 3, 4, 5, 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 97, 173

Grotesco 172, 174, 175, 180

Guerra Civil 157, 164, 167

Gutenberg 194, 196, 200

H

Habitus 313, 318

Historicidade 252, 253, 254

I

Imprensa 2, 5, 9, 10, 11, 12, 18, 22, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 62, 64, 107, 154, 155, 157, 159, 160, 162, 164, 165, 167, 168, 169, 177, 184, 187, 188, 189, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 227, 255, 256, 283, 288, 333

Infotendimento 150, 181, 191

Intervenção Federal 221, 222, 225, 228, 234, 236, 238, 239, 240, 241

J

Jornalismo Sindical 53, 54, 55, 56, 64, 333

Jornal Nacional 221, 225, 226, 228, 229, 230, 233, 235, 238, 241

Judith Butler 15, 44

K

Katharina Mouratidi 85, 86, 87, 88, 91, 92, 94, 96, 100

L

LGBT 16, 17, 18, 20, 21, 22, 25, 211

M

Marketing Territorial 140

Martín-Barbero 75, 76, 77, 84, 191, 193, 255, 264

Mídias Digitais 40, 41, 46, 47, 81

MTST 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

Muniz Sodré 81, 172, 190, 224

N

Narrativa 93, 111, 112, 114, 118, 122, 123, 160, 171, 173, 182, 185, 186, 189, 190, 192, 228, 291, 292, 317

Neuromarketing 244, 245, 246, 247, 250, 251

Noticiabilidade 6, 170, 177, 182

Novos Movimentos Sociais 124, 126, 206

P

Performance 17, 18, 91, 92, 98, 100

Pesquisa Exploratória 34

Políticas Públicas 4, 12, 13, 38, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 144, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 223, 281, 304

Prensa 189, 194, 195, 197, 198, 199, 201, 294

Protestantismo 200

Psicologia Ambiental 295, 296, 297, 299, 304, 305, 307

R

Rádio 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 84, 161, 173, 184, 257

Redes Sociais 26, 30, 32, 33, 39, 41, 46, 49, 50, 77, 148, 167, 180

Representações Midiáticas 252

S



Subproletariado 131

V

Valor Notícia 170, 171, 174, 177

Comunicação, Política e Atores Coletivos

 **Atena**
Editora
Ano 2020

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Comunicação, Política e Atores Coletivos

 **Atena**
Editora
Ano 2020

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 